

Conflitos entre liberdade e paz civil em Macbeth

Emerson Cesar Santana De Melo¹

Carlos Jacinto Nascimento Motta (orientador)

Resumo: A literatura produzida durante o Renascimento na Europa trará um novo enfoque para a condição humana, em especial a valorização do indivíduo. O antropocentrismo vigente, uma das características mais marcantes deste período, enfatizou a capacidade racional como um dos principais atributos da dignidade humana. É neste contexto que Shakespeare escreve a peça Macbeth, em que a personagem principal sofre com a contradição dos resultados da sua liberdade. Macbeth e sua esposa passam por um doloroso processo de tomada de consciência ao perceberem que ser fiel a própria ambição desmedida acarreta graves consequências individuais e sociais.

Palavras-chave: liberdade, renascimento, teatro, consciência, loucura.

Assim, em toda parte na natureza vemos luta, combate e alternância na vitória, e deste modo chegamos a compreender mais claramente o divórcio essencial da vontade com ela mesma.

(Arthur Schopenhauer)

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo a investigação do conflito entre a liberdade individual e as dimensões coletiva do indivíduo em sociedade, mais especificamente no contexto do renascimento europeu, que de acordo com a pesquisa realizada, foi um

¹ Graduando no curso de Bacharelado em Filosofia, na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), São Paulo, Brasil.

período de ênfase na revalorização do homem e sua liberdade, para isso, utilizou-se a peça teatral *A tragédia de Macbeth*. Este trabalho foi produzido para contribuir com grupo de pesquisa “Filosofia e outros saberes na cultura popular: a poesia, a música e a literatura como meios de disseminação de conhecimento”, liderado pelo Prof. Dr. Carlos Jacinto Nascimento Motta.

A tragédia de Macbeth, escrita por William Shakespeare, apresentada pela primeira vez 1606, é uma obra clássica do teatro ocidental, aborda temas complexos como o conflito entre liberdade e paz civil. A história se passa na Escócia medieval, onde o personagem principal, Macbeth, um nobre corajoso e leal, é incentivado por sua esposa Lady Macbeth a cometer um assassinato para alcançar o trono. Após a morte do rei, Macbeth é coroado rei, mas sua consciência o assombra e ele se torna cada vez mais paranoico e tirânico, matando todos que ameaçam sua posição no trono, inclusive os amigos e aliados mais próximos. Sua busca pelo poder e segurança pessoal resulta em um estado de guerra civil e instabilidade política, e a liberdade do povo é sacrificada em nome da segurança do governo.

A peça retrata como a busca desmedida pelo poder pode levar à perda da liberdade pessoal e moral. Os personagens principais são consumidos por suas ambições e são incapazes de escapar das consequências de seus atos, resultando em uma tragédia inevitável. Embora a liberdade não seja o tema central de "Macbeth", a peça levanta questões importantes sobre escolhas, responsabilidade pessoal e a perda da liberdade individual em face de forças poderosas, como ambição e destino.

1. Renascimento e Liberdade

O Renascimento, movimento artístico, político e filosófico cujo início remonta aos séculos XIV e XV, marcou profundamente a Europa e a tradição ocidental, ocorreu em um momento de profundas mudanças que aconteciam no continente europeu. A visão de mundo antropocêntrico assinalou o pensamento moderno, questões fundamentais

passam a colocar o Homem como centro do universo. O humanismo focado nas indagações concernentes aos seres humanos, possibilitou discussões sobre a dignidade, liberdade humana, subjetividade e alteridade, de acordo com Maria de Lourdes Sirgado Ganho em seu texto introdutório ao pensamento de Pico Della Mirandola (1463 – 1494): “O problema da dignidade do homem é perspectivado em função do lugar central que este ocupa no universo, ponto de referência de toda a realidade. Daí podermos falar em antropocentrismo (GANHO, 2011, p.21). O período em que a filosofia moderna se desenvolveu foi marcado por intensas perturbações sociais. A política, religião e as relações humanas foram profundamente influenciadas pelos avanços proporcionados pela revolução científica, a reforma protestante e a descoberta do “novo mundo”. Na Itália, o espírito inovador do renascimento recolocou o Homem como medida de todas as coisas. O mercantilismo econômico foi fundamental no acúmulo primitivo de capital, que possibilitou a expansão marítima para a exploração de regiões apartadas da Europa Ocidental, o crescimento econômico tornou possível à classe artística desenvolver habilidades nas artes plásticas como: arquitetura, escultura, pintura etc. A idade moderna também foi um período de alto desenvolvimento tecno-científico, conforme apontado por Russell “Nesse ínterim, a ciência como técnica suscitou, nos homens práticos, uma visão de mundo diferente de tudo aquilo que encontramos nos filósofos teóricos” (RUSSELL, 2015, p.14). O individualismo moderno é uma marca típica do pensamento nesse momento, como afirma Jean Delumeau em *A civilização do Renascimento*:

“Por conseguinte, este individualismo, de que falaremos mais adiante e que é um dos traços marcantes do renascimento, vislumbra-se desde logo ao nível dos povos da Europa que, ao se diferenciarem e ao se oporem entre si de forma por vezes dramática, adquirem então o sentimento da sua profunda originalidade. É uma lição geradora de espírito crítico, de relativismo e, por isso fecunda. A dúvida metódica de Montaigne,

antes da de Descartes, iria permitir pôr em causa muitos preconceitos: ‘qual é a verdade que estas montanhas delimitam e que é mentira no mundo que está para além delas?’ A cada nação, a sua verdade”. (DELUMEAU, 2020, p.36)

Um fato de grande importância foi a redescoberta de autores clássicos. Filósofos como Pico Della Mirandola e Michel de Montaigne (1533 – 1592), puderam se dedicar aos chamados studia humanitatis; estudos humanísticos cujo as influências estão presentes nos ideais estéticos e filosóficos. O humanismo focado nas indagações concernentes aos seres humanos, possibilitou discussões sobre a dignidade, liberdade humana, subjetividade e alteridade. Político de formação humanista, Montaigne escreveu os célebres Ensaios, ao se retirar da vida pública. Nesses escritos o pensador lança um olhar cético às questões humanas, abordando os mais variados assuntos de forma livre, em um pensamento não determinado estritamente pela religião ou corrente filosófica específica, mas relacionando diversos autores e diferentes pontos de vista. No famoso ensaio sobre os canibais, Montaigne discute a respeito do “novo mundo”, que aparece na figura do selvagem que contradiz valores e costumes europeus. A descoberta da existência de povos de culturas tão distintas, trouxe dúvidas em relação a natureza do ser humano. Os povos europeus são tão cruéis quanto as ações praticadas pelos nativos das Américas, e estes possuem virtudes louváveis como as que possuem os civilizados. O pensamento cético de Montaigne contribui não apenas para a observação das diferenças, mas também para as semelhanças presentes em culturas diversas, em um relativismo que dignifica aquilo que é diferente. A investigação cética de Montaigne, um dos principais filósofos do Renascimento moderno, foi de extrema importância, e continua atual e relevante. Sua prática investigativa luta contra a univocidade no pensamento. A valorização da diferença enriquece a pluralidade de ideias, a compreensão da indeterminação da natureza humana abre o debate para a questão da liberdade, e certamente o humanismo renascentista contribuiu para essa discussão,

dentre outras que atravessam gerações. O saber outrora oculto e misterioso, é desvelado pela racionalidade. A filosofia prática referida por Descartes proporciona a prevenção frente aos fenômenos naturais, bem como torna possível o combate às doenças que assolam o corpo. O homem não é mais determinado pelo destino, como concebia a tradição da tragédia antiga.

É nesse contexto em que surge a peça escrita por Shakespeare. Já na primeira cena a aparição das bruxas anuncia uma sentença contraditória, revelando o jogo de aparências e falsidades que acometerá o juízo da personagem título. As três irmãs anunciam juntas que “o belo é podre, e o podre, belo sabe ser”. Deste modo, acompanhamos a ascensão e queda da personagem título, enquanto lida com conflitos morais concernentes à afirmação do desejo quando este contraria a ordem social, ao começar a se arrepender do assassinato cometido, Macbeth lamenta: “Saber o que fiz, melhor seria não saber quem sou.” (SHAKESPEARE, 2.2 V 93-94) As questões apresentadas no drama são reflexos das questões de uma época, que ainda diz respeito a condição contemporânea.

O drama da liberdade de ação do homem em estado civil será uma das preocupações do filósofo inglês Thomas Hobbes (1588 – 1679), que pensou o homem em sua dimensão coletiva. Em sua obra *Leviatã ou Matéria, Palavra e Poder de um Governo Eclesiástico e Civil* publicada em 1651, Hobbes desenvolve a noção de estado de natureza, e a necessidade de superá-lo para a constituição da sociedade. Mas para que seja possível o alcance do estado civil, os homens devem conter as paixões e apetites, especificamente aquelas que podem causar distúrbios aos interesses comum, notadamente a segurança. Pois, afirma Hobbes:

“Porque as Leis de Natureza (tais com Justiça, Equidade, Modéstia, Piedade, que determinam que façamos aos outros o que queremos que nos façam), são contrárias às nossa Paixões naturais, que nos inclinam para parcialidade, orgulho, vingança e outras, se não houver o temor de algum poder que obrigue a respeitá-las. Sem a

espada, os pactos não passam de palavras sem força que não dão a mínima segurança a ninguém”. (HOBBS, 2014, p.123).

Neste conflito de interesses particulares os costumes não dão conta de assegurar confiança na conduta do outro. Os homens estão dispostos a recusar padrões morais estabelecidos, se estes estiverem em descompasso com os objetivos e desejos individuais. Sua concepção relativista da moralidade das ações humanas leva a perceber a ausência de objetividade de valores como o bem ou mal, visto que isso depende dos apetites subjetivos, “Uma vez que a condição humana é da guerra de uns contra os outros, cada qual é governado por sua própria razão (...)” (HOBBS, 2014, p.99). Em estado de natureza todos os homens possuem por direito natural a preservação de si próprio e a satisfação de seus desejos, mesmo que para isso seja necessário usurpar o corpo do outro. Por esse motivo é que estabelecemos um pacto, em que ambas as partes se comprometem a cumprir o acordo, conscientemente das punições em que serão submetidas em caso de quebra de contrato. Na peça de Shakespeare, vemos Macbeth e sua esposa, cobiçando o poder e tramando para alcançá-lo. Eles não seguem uma estrutura política estabelecida, mas buscam o poder através de meios ilegítimos, como o assassinato. Conseqüentemente, a ambição desenfreada de Macbeth e sua esposa leva a um reino de violência, traição e instabilidade. Em função disso que Hobbes enfatiza a necessidade de um poder soberano, capaz de reprimir com a força em casos que sejam necessários.

2. O drama de Macbeth

É nesse contexto que a peça de Shakespeare se revela como uma fonte de reflexão para estas discussões. O embate entre razão e passionalidade atravessa o protagonista da peça como também sua esposa Lady Macbeth. O futuro rei da Escócia é perturbado pela angústia da possibilidade, pode-se dizer que a dúvida atroz do jovem Hamlet, “To be, or not to be? that is the question” é a mesma que acomete Macbeth. Ao

final da terceira cena do primeiro ato clama enquanto acossado por indagações causadas pelas revelações das bruxas:

“(…) Os temores do presente são menores que as figuras da imaginação. Meu pensamento, este que em si acolhe um assassinio não mais que fantasioso, sacode de tal maneira o reino de minha condição humana e única, que toda ação fica asfixiada em conjeturas, e nada mais existe, a não ser o que não existe”. (SHAKESPEARE, 2019, p.75)

Sob essa perspectiva, a passionalidade é entendida como uma das características inerentes do ser humano. Os movimentos das paixões excessivas e contraditórias como o amor, ódio, vingança, tristeza, alegria e a generosidade podem ser responsáveis por consequências terríveis, trágicas e criminosas.

A aparição das bruxas no primeiro ato da peça tem diversas simbologias, dentre algumas possíveis, pode-se pensar como a personificação dos desejos impetuosos e volúveis. Elas são a exteriorização dos conflitos e desejos de Macbeth, como uma imagem de sua individualidade, representam o que há de belo e feio na individualidade psíquica do indivíduo. Elas não possuem forma definida, e quando Macbeth busca se aproximar delas e percebe que “Sumiram em pleno ar, e o que parecia corpóreo derreteu-se, como a respiração no vento. Bem queria eu que elas tivessem ficado” (Macbeth, I, 3). As paixões humanas tomam de assalto os indivíduos, por mais que sejam passageiras, é difícil resistir aos impulsos.

“A impressão de que nos causam as coisas que desejamos ou tememos é efetivamente, intensa e permanente ou (quando cessa por algum tempo) de rápido retorno. É tão forte, às vezes, que chega a interromper ou impedir nosso sono. Do desejo surge o pensamento de alguns meios que vimos produzir efeitos análogos aos que perseguimos; do pensamento desses efeitos nasce a ideia dos meios que conduzem a esse fim, e assim, sucessivamente, até chegarmos a algum começo dentro de nossas possibilidades”. (HOBBS, 2014, p.28)

Figura 1- Macbeth e as bruxas

(Macbeth e as três bruxas, de John Martin (1820). Na pintura as bruxas são representadas como figuras que se fundem às nuvens, que não possuem formas definidas. A pareidolia é fenômeno psicológico conhecido por fazer reconhecer imagens em algum estímulo visual aleatório. National Galleries of Scotland).

As alusões das bruxas lançam Macbeth em um conflito consigo próprio, o mais nobre e valente guerreiro, fiel ao rei, agora trama internamente a usurpação do poder, como se este posto fosse seu por direito, ignorando a soberania do rei Duncan. Assim, Macbeth se vê em uma contradição contra os próprios impulsos naturais que buscam a sua afirmação. Ao saber da nomeação de Malcolm para ser o príncipe de Cumberland, este como que aparenta estar cada vez mais certo de seu objetivo, os percalços e as dificuldades que surgem em seu caminho como que assinalam a urgência com a qual este que já tinha seu posto como barão de Cawdor precisava agir. Insatisfeito com suas conquistas recentes, aflito, pensa consigo próprio, que deve conquistar também o título de Malcolm:

“(...) este é um degrau que devo galgar; do contrário, tropeço, pois ele se encontra em meu caminho.” A ambiguidade e a contradição de sua moralidade cindida aparecem logo após, “Estrelas, escondam o seu brilho; não permitam

que a luz veja meus profundos e escuros desejos. Que o olho se feche ao movimento da mão; e, no entanto, que aconteça! Que aconteça aquilo o olhar teme quando feito está o que está feito para ser visto” (Macbeth, 1, 4).

Figura 2 – O sono da razão produz monstros



(O sono da razão produz monstros (1797–1799), de Francisco de Goya. Obra do acervo do Museo del Prado, Madri).

O Psiquiatra e fundador da psicanálise Sigmund Freud (1856 – 1939) colheu muito de seu material de estudos pelos textos clássicos da literatura ocidental. Freud partilhava de uma percepção pessimista da condição humana, semelhante à de Hobbes, em seu texto *Os instintos e seus destinos* de 1915, o psicanalista conceitualiza a respeito das dimensões das pulsões e seus movimentos somáticos e psíquicos:

“A meta de um instinto é sempre a satisfação, que pode ser alcançada apenas supressão do estado de estimulação na fonte do instinto. Mas embora essa meta final permaneça imutável para todo instinto, diversos caminhos podem conduzir à mesma meta final, de modo que um instinto pode ter várias metas próximas ou intermediárias, que são combinadas ou trocadas umas pelas outras. (FREUD, 2010, p.58)

O homem é um ser desejante, o movimento pulsional nunca cessa, mas apenas muda de direção quanto aos objetos que lhe afeta. O objeto das pulsões é aquele pelo qual ela pode alcançar sua meta, porém este objeto é variável e não está originariamente ligado a ele, mas é atrelado como objetivo a ser alcançado para a satisfação da pulsão, porém, ao mesmo tempo não é apenas um objeto estranho, mas funciona como um espelho pelo qual o desejo vê-se refletido. Mesmo após galgar posições elevadas e ser um dos preferidos do rei, Macbeth não se satisfaz, seu desejo não encontra limites pois está cego pelo narcisismo, além disso, ele é incapaz de estabelecer uma nova direção para as pulsões destrutivas.

3. Consciência e Loucura

Em termos de relação entre liberdade e desejo, podemos pensar que a liberdade permite que as pessoas sigam seus desejos e impulsos sem serem impedidas ou coagidas. Por outro lado, também pode ser argumentado que a liberdade pode ser limitada quando o desejo de uma pessoa entra em conflito com o desejo de outra pessoa, ou quando o desejo de uma pessoa coloca em risco a segurança ou os direitos de outras pessoas. No entanto, também podemos encontrar visões que defendem que o desejo pode ser uma fonte de aprisionamento ou alienação, especialmente quando se trata de desejos condicionados pela cultura, pelo consumo ou pela pressão social. Nesses casos, a liberdade pode ser vista como uma forma de libertação do desejo compulsivo ou da influência externa. Desse modo, a angústia é uma condição inerente à condição humana, pois todos os seres humanos são confrontados com a liberdade e a responsabilidade de suas escolhas. No entanto, de acordo com o filósofo dinamarquês Kierkegaard (1813 - 1855), a angústia pode levar ao desespero e à paralisia se o indivíduo não for capaz de lidar com sua liberdade e responsabilidade de forma adequada. Assim, o filósofo enfatiza a importância de encontrar um equilíbrio entre a liberdade e a responsabilidade, para que o indivíduo possa tomar decisões autênticas e

viver de acordo com seus próprios valores e propósitos, sem ser dominado pela angústia ou pelo desespero. Essa é a vertigem da percepção da liberdade pois, de acordo com Kierkegaard:

“Angústia pode-se comparar com vertigem. Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente tortura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho quanto no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura!... Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se. Nesta vertigem, a liberdade desfalece”. (KIERKEGGARD, 2020, p.66)

A personagem Lady Macbeth é uma das mais fascinantes das peças de Shakespeare, na tragédia ela exerce uma forte influência em seu marido, incitando-lhe a coragem quando este começa a questionar a validade de seu desejo, e tentando salvá-lo da loucura quando acossado pela culpa, ela questiona a fraqueza do futuro rei: “tens medo de ser na própria ação e no valor o mesmo que és em teu desejo?” (Macbeth, I, VII). A sua loucura é um elemento fundamental da peça, Lady Macbeth é uma personagem ambiciosa e manipuladora, que incentiva seu marido a cometer o assassinato do rei para que ele possa assumir o trono. No entanto, após o crime, Lady Macbeth começa a experimentar uma profunda culpa e remorso que a leva a uma espiral descendente de loucura.

Figura 3 - Lady Macbeth Sonâmbula



(Lady Macbeth Sonâmbula, de Eugène Delacroix (1949 – 50) Beaverbrook Art Gallery, Fredericton, New Brunswick, Canada)

Ao longo da peça, Lady Macbeth começa a apresentar comportamentos cada vez mais estranhos e perturbadores. Ela é atormentada por pesadelos e visões de sangue, e começa a se lavar constantemente, tentando se livrar da culpa que sente. Ela também começa a falar em delírios, revelando seu papel no assassinato do rei. A loucura de Lady Macbeth é um retrato poderoso da culpa e da deterioração mental. Ela é incapaz de se livrar dos horrores que ela e seu marido cometeram e acaba enlouquecendo como resultado. A peça sugere que o mal é uma força autodestrutiva, que corrompe e destrói aqueles que o abraçam. A loucura de Lady Macbeth é uma consequência direta da sua ambição e seu desejo pelo poder.

Considerações finais

No início da peça, Macbeth é retratado como um homem honesto e nobre. No entanto, quando as bruxas preveem que ele se tornará rei, sua ambição o leva a considerar o assassinato do atual rei. Após o assassinato, Macbeth é consumido pela

culpa e pelo remorso, e começa a ver fantasmas e ouvir vozes. Ele se torna cada vez mais paranoico e violento, matando aqueles que ele percebe como uma ameaça ao seu poder

Macbeth é responsável pelo seu próprio destino. Ele é quem toma a decisão de matar o rei, movido pela sua ambição e cegueira pelo poder. Sua escolha tem consequências terríveis, incluindo a sua própria queda. Lady Macbeth também enfrenta a perda de sua liberdade interior. Em sua sede de poder, ela invoca forças sobrenaturais para ajudá-la a alcançar seus objetivos, mas acaba sendo consumida pelo remorso e pela insanidade, perdendo sua própria sanidade e liberdade mental. Vale lembrar que Shakespeare humaniza os vilões de suas peças, em geral, são personagens carismáticas que revelam extrema sabedoria, até mesmo em momentos de loucura “Shakespeare também não refreia sua cálida compreensão e objetiva compaixão quando pinta seus grandes vilões. Embora Cláudio e a mãe de Hamlet estejam mergulhados na culpa, os dois são palpáveis seres humanos. Macbeth e sua esposa, ambos maculados de sangue, tornam-se criaturas reconhecíveis” (GASSNER, 2014, p. 269).

No final, a peça mostra que a liberdade e a paz civil não podem ser alcançadas sem uma liderança justa e um respeito pelos direitos do povo. O tirano Macbeth, que sacrificou a liberdade em nome da segurança, é finalmente deposto, e a ordem e a justiça são restauradas com a ascensão de um novo rei. Por fim, a peça sugere que todos têm uma responsabilidade moral e social em relação aos seus atos. A ambição desmedida de Macbeth não só o destrói, mas também afeta o reino inteiro, levando a uma guerra civil e à morte de muitos inocentes. A história de Macbeth é uma advertência poderosa sobre as consequências da ambição sem limites e da falta de responsabilidade pelos próprios atos.

REFERÊNCIAS

DELLA MIRANDOLA, Pico; GANHO, M.L.S. **Discurso sobre a dignidade do homem & Acerca do pensamento de Giovanni Della Mirandola**: . Lisboa: Edições 70, 2011.

BERTRAND, Russell. **História da filosofia ocidental – livro 3: A filosofia Moderna**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2015.

SHAKESPEARE, William. **Obras Escolhidas: (A tragédia de Macbeth: traduzida por Beatriz Viégas-Faria) / tradução Beatriz Viégas-Faria e Millôr Fernandes**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do Renascimento**. Lisboa: Edições 70, 2020.

HOBBS, Thomas. **Leviatã, ou, A matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Ícone, 2014.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaio de metapsicologia e outros textos (1914 – 1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de Angústia**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

GASSNER, John. **Mestres do Teatro I**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.